

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIATENAS

EDRIANA CONRADO DE CASTRO

**A INFLUÊNCIA DAS TELAS PARA O DESENVOLVIMENTO
INFANTIL**

PARACATU

2022

EDRIANA CONRADO DE CASTRO

**A INFLUÊNCIA DAS TELAS PARA O DESENVOLVIMENTO
INFANTIL**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Atenas, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Área de Concentração: Ciências da Saúde.

Orientador: Prof. Alice Sodré dos Santos

PARACATU

2022

EDRIANA CONRADO DE CASTRO

A INFLUÊNCIA DAS TELAS PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Atenas, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Ciências da Saúde.
Orientadora: Prof.^a Alice Sodré.

Banca Examinadora:

Paracatu-MG, 01 de junho de 2022.

Prof.^a Alice Sodré dos Santos
Centro Universitário Atenas

Prof.^a Msc. Márcen Estevão Matos Júnior
Centro Universitário Atenas

Prof.^a Cleverson Lopes Caixeta
Centro Universitário Atenas

AGRADECIMENTOS

Quando hesitamos em falar em conquistas o sentimento é sempre de muita alegria, pois só ressaltamos o findar do processo. Encerrar um trabalho que conclui todo um ciclo de estudos é muito gratificante, receber os frutos do nosso esforço aquece o coração. Mas hoje também quero agradecer a cada um que fez parte do meu processo de formação, ressaltando assim não só a chegada, mas todo o percurso. Os nossos sonhos não são apenas nossos, mas de todos aqueles que sonham conosco e almejam nossa vitória.

Hoje quero agradecer a minha família por todo esforço e parceria, por ter me ensinado a fé e honestidade para seguir em retidão frente ao que desejo, se, as bênçãos do Pai eu não seria capaz. Meu pai e minha mãe por sempre me proporcionar o seu melhor em qualquer circunstância. Minhas irmãs por sempre me dar forças e acolher todas as minhas necessidades e sofrimentos acadêmicos. Sem vocês eu nada seria!

A cada professor que deu sua contribuição para meu processo de formação, deixo meu agradecimento e admiração pela escolha de vocês em serem mediadores do nosso conhecimento. E especialmente a Alice Sodré por sua participação brilhante e tão significativo neste trabalho e em tantas outras áreas de minha formação, você é um espelho de profissional a ser seguido por nós.

RESUMO

A reflexão psicológica sobre aspectos do desenvolvimento infantil é continuada e adaptativa a partir de cada geração. Chegamos hoje, a uma realidade onde a criança desde os primeiros dias de vida, é exposta a um abundante campo de informações voltadas a sua fase com o intuito de entreter, mas principalmente estagnar a atenção. É de fácil compreensão para nós adultos, o malefício de se passar horas em frente a uma tela, as perdas e os desencontros com as fases do desenvolvimento da criança.

Lidar com isso requer uma observação acerca do comportamento infantil, a conduta dos responsáveis, o entendimento familiar sobre o uso de material tecnológico, e principalmente quais são os aspectos diretivos que irão influenciar esta criança a partir deste contato precoce.

Esse trabalho foi embasado em estudos fidedignos, artigos científicos e livros relacionados ao tema do uso de telas para crianças enquanto primeira fase de desenvolvimento, já que este tema é atual e relevante por ser uma discussão pública que requer conhecimento e que reflete em saúde e bem-estar.

PALAVRAS-CHAVE: Telas na infância, comportamento infantil, desenvolvimento saudável, psicologia do desenvolvimento.

ABSTRACT

Psychological reflection on aspects of child development is continued and adaptive from each generation. We have arrived today at a reality where the child, from the first days of life, is exposed to an abundant field of information aimed at their stage in order to entertain, but mainly to stagnate attention. It is easy to understand for us adults, the harm of spending hours in front of a screen, the losses and mismatches with the child's developmental stages.

Dealing with this requires an observation about children's behavior, the behavior of those responsible, family understanding about the use of technological material, and especially what are the directive aspects that will influence this child from this early contact.

This work was based on reliable studies, scientific articles and books related to the use of screens for children as a first stage of development, since this topic is current and relevant as it is a public discussion that requires knowledge and that reflects on health and well-being be.

KEYWORDS: *Screens in childhood, child behavior, healthy development, developmental psychology.*

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS:

ABESO – Associação Brasileira para o estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica;

CID-11 - Classificação Internacional de Doenças 11º Revisão;

OMS - Organização Mundial Da Saúde;

SBP - Associação Brasileira de Pediatria;

SciELO - Scientific Eletronic Library Online;

TAG - Transtorno de Ansiedade Generalizado;

TT - Tempo de Tela.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 PROBLEMA	10
1.2 HIPÓTESES	10
1.3 OBJETIVOS	11
1.3.1 OBJETIVO GERAL	11
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
1.4 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO	11
1.5 METODOLOGIA DO ESTUDO	12
1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO	12
2 O DESENVOLVIMENTO NA PRIMEIRA E SEGUNDA INFÂNCIA	13
2.1 O desenvolvimento na primeira infância	13
2.2 O desenvolvimento na segunda infância	16
3 DIFICULDADE DAS FAMÍLIAS FRENTE AO BRINCAR COM OS FILHOS	18
4 IMPACTOS DO TEMPO DAS TELAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL	21
4.1 Possibilidades de intervenção e redução de tempo de tela	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

Segundo Piaget (1996), o termo assimilação em teoria é a capacidade humana de ter contato com uma informação e reter aspectos da mesma. Isso repetidas vezes forma o conhecimento embasado no que a área cognitiva ofereceu ao cérebro, formando assim memórias que iram acompanhar e normatizar condutas por toda a vida.

A autora Ana Maria Nicolaci (2002), diz que podemos sofrer mudanças de hábitos e comportamentos a partir das novas tecnologias, pois elas têm grande impacto nos indivíduos, gerando assim transformações internas muito relevantes nas formas de agir, pensar e enxergar o mundo interno e externo de forma concreta, assim como a manifestação de sentimentos e relações interpessoais. O escritor Edvaldo Souza Couto diz que:

“Aprender, brincar e se comunicar, produzir e difundir narrativas de suas experiências, e desejos e sonhos também fazem parte do mundo infantil conectado. Nesse sentido, para além de qualquer possível sensação de estranheza, essas crianças consideram os dispositivos tecnológicos e as chamadas novas tecnologias digitais como verdadeira extensão de si mesmas”. (COUTO, 2013, pág. 07).

Novamente as palavras de Edvaldo, que: “Tocar em telas digitais é o mais expressivo modo lúdico que as crianças encontram para elaborar a vida por meio de alegrias e prazeres privados e coletivos nos domínios da rede”. (COUTO, 2013, pág. 01).

“A parentalidade digital envolve uma série de atividades que incluem a compra e a configuração de dispositivos, como smartphones, tablets, computadores e consolas de jogos; o estabelecimento de regras de uso; a supervisão do cumprimento dessas regras; resolver problemas e monitorar as atividades online das crianças. A mediação parental refere-se mais especificamente, como já mencionámos, a interações que ocorrem entre pais e filhos em relação às atividades online das crianças em dispositivos digitais” (DUEK, MOGUILLANSKY e PIRES, 2020, pág. 17).

A médica e especialista em educação infantil Sâmia Marsili (2021, youtube), alerta sobre o uso de telas como um vilão: “O uso de mídias sociais acaba liberando dopamina, que é o neurotransmissor relacionado ao vício, relacionado ao estímulo de desejo, de satisfação”. Sendo assim, Wendol Williams (2008), explica esta

reação dopaminérgica como um mecanismo de reforços e recompensas a partir da dependência, sendo elas de uso de substâncias ou mesmo comportamentos humanos. Esta reação está intimamente ligada a procura constante por prazer a partir de determinadas sensações desencadeadas por práticas, tais como drogas psicoativas, jogos e compulsões diversas. Relembrando que dopamina é uma secreção disparada sempre que uma atividade prazerosa é desempenhada. (WILLIAMS, 2008).

No Manual CID-11, que é a classificação internacional de doenças e problemas relacionados a saúde, documento norteador de conduta em todas as áreas das ciências da saúde, traz em sua 11ª versão a inclusão de uma sessão classificatória entre os vícios, sendo assim agregando jogos eletrônicos a possíveis condutas viciantes entre crianças e adolescentes, ressaltando assim a impulsividade do uso excessivo e a passividade a dependência por uso inadequado. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2018).

1.1 PROBLEMA

Quais os aspectos e influências do contato precoce com as telas no desenvolvimento infantil?

1.2 HIPÓTESES

A fase infantil é o campo inicial da construção do ser humano, e deve ser ocupada por atividades que estruturam de forma sólida sua estrutura psicológica e física, despertando a criatividade e procura pela descoberta do mundo. Assim a criança envolvida com telas pode sofrer com a estagnação e falta de exteriorização, que pode ser prejudicial ao seu desenvolvimento, e trazer danos a variadas áreas de sua formação intelectual, afetiva e identitária.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 OBJETIVO GERAL

Explicitar a dissonância entre as ferramentas eletrônicas que são oferecidas como forma de ocupação para as crianças; E a inversão dos estímulos para a descoberta cotidiana nos primeiros anos de vida.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apresentar o desenvolvimento na primeira e segunda infância;
- Evidenciar as dificuldades das famílias frente o brincar com os filhos;
- Demonstrar os impactos do tempo prolongado diante das telas no desenvolvimento infantil;
- Explicitar possibilidades de intervenção e redução do tempo de tela.

1.4 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

O avanço tecnológico levou ao ser humano em um nível de dependência tão alto que não temos mais a capacidade de imaginar o cotidiano sem uso de tecnologia para atividades básicas, e assim vem sendo implementado às crianças. (JERUSALINSKY, 2017).

Jerusalinsky (2017), ressalta sobre a importância da presença dos pais, que atualmente vem a estar ocupados com as obrigações da vida adulta, e assim inserindo as crianças em janelas virtuais que é cômodo e prático, porém o não estar ali gera reflexos psíquicos, pois educar significa estar apto e disposto a transmitir e favorecer a invenção imaginária da criança. Com o tempo disposto a eletrônicos, os pais conseguem momentos para desempenhar suas atividades ou simplesmente passar por sua exaustão pós dias cansativos, muitas vezes apenas de corpo presente, e a mente em outras dimensões.

Piaget (1996) por exemplo, cita a importância dos dois primeiros anos de vida, como a integração da parte complexa do desenvolvimento, desenvolvendo a noção de si e de tudo que há a sua volta, levando a separação do que é ela e do que está ao seu redor.

1.5 METODOLOGIA DO ESTUDO

Um trabalho consistente em revisão bibliográfica necessita obedecer a alguns critérios e manter cordialidade entre informações fornecidas. Segundo COELHO (2021), “a revisão bibliográfica é, de forma geral, a revisão das pesquisas e das discussões de outros autores sobre o tema que será abordado(...) Ou seja, é a contribuição das teorias de outros autores para a pesquisa”.

O presente trabalho foi estruturado a partir da revisão bibliográfica de materiais já disponíveis em rede. Foram utilizados trabalhos publicados nos últimos 30 anos, coletados das plataformas Google acadêmico, Pepsic e Scielo.

Foram usadas palavras chave para pesquisa: telas na infância, desenvolvimento infantil, avanço tecnológico e a criança, desenvolvimento infantil saudável.

1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO

O primeiro capítulo do presente trabalho apresenta o que se espera em um desenvolvimento por aspectos básicos na infância, onde são qualificados em parâmetros normativos o alcance de determinadas funções psicológicas e sensoriais na janela de vida entre 0 a 2 anos, e de 3 a 6 de idade, faixas etárias alvo deste trabalho.

O segundo refere-se a uma visão dos aspectos familiares que são primordiais a esta etapa, a dificuldade das famílias em ter tempo, disposição e interesse em brincar com os filhos. Exercer esse papel vem sendo um desafio diário para as famílias, ainda mais com a facilidade em oferecer telas e ter a passividade de poder desempenhar suas atividades normalmente enquanto a criança está estagnada.

O terceiro vem com o impacto do tempo de tela para o desenvolvimento, onde são pontuados os reflexos da exposição precoce as mais variadas ofertas de ocupação em telas, sejam jogos, desenhos ou vídeos de forma geral.

No quarto capítulo são caracterizadas as formas de redução do tempo de telas, ferramentas essenciais a quem enxerga e procura essa mudança para sanar o problema da exposição.

2 O DESENVOLVIMENTO NA PRIMEIRA E SEGUNDA INFÂNCIA

2.1 O desenvolvimento na primeira infância

A primeira infância, sendo a fase inicial da vida humana, denominada pelo autor Piaget (1999) como fase sensória motora (0 a 2 anos), envolve a desenvoltura básica da cognição, sendo assim, a fase que aguça a percepção do ambiente, cria uma noção do que é o mundo e estabelece os vínculos de permanência e ausência.

E como parte muito importante deste raciocínio deve-se ter a observação de que qualquer normativa pode ser variável a partir dos tipos e modos que os estímulos são oferecidos aos indivíduos gerando assim diferentes reações e assimilações de experiências. E ela, nada mais é que a forma de compreensão dos estímulos oferecidos. A assimilação, termo determinante que sempre é citado nessas descrições, consiste na passagem, superação destas fases e processos de compreensão. Aqui serão privilegiados por ele, 4 aspectos citados com maior relevância: objeto, espaço, causalidade e tempo, que são formadores das noções básicas citadas acima, do egocentrismo inconsciente onde é formado o sujeito. (PIAGET,1999).

Segundo ele, o objeto está interligado a todas os outros esquemas, pois representa aquilo que permanece, e que está de alguma forma no seu campo visual, isto é, no espaço temporal de forma causal, que lhe afeta ou influi. Já o espaço é percebido inicialmente como parte da ação no próprio corpo, ou seja, uma atividade de pertencimento dos objetos ao corpo até que começa o processo de modificações físicas e a sua desvinculação. (PIAGET,1999).

Piaget (1999) também elenca a esse nicho a causalidade que são os contatos, experimentações das primeiras ações do indivíduo, onde é vinculado ao espaço, ao objeto e o tempo. O tempo se trata segundo ele, da permanência de cada um desses esquemas enquanto experiência na formação individual, até a assimilação das noções básicas de vida.

Dentro deste estágio (0 a 2 anos), Piaget ainda consegue elencar 6 subestágios que modularam mais facilmente cada momento vivenciado, pois é a fase de maior e mais acelerado desenvolvimento psicomotor, formando assim os estágios iniciais a todas as áreas a serem desenvolvidas posteriormente. Os 6 subestágios em sua teoria são caracterizados como:

Subestágio I, abrangente até 1 mês de vida do bebê, sendo formados os reflexos básicos que são ações espontâneas ao desenvolvimento a partir de estímulos recebidos e as necessidades básicas do corpo. Esses reflexos caracterizam a cognição em funcionamento, onde os pontos principais é a área oral (bucal) com a sucção de qualquer item levado a boca, e o tato com a preensão da mão a partir de algum contato ao encostar. (PIAGET, 1999).

Subestágio II, período de 1 a 4 meses e meio, onde se inicia as primeiras assimilações de equilíbrio, mostrando assim desajustes nos reflexos enquanto são desempenhadas atividades de atenção voltada aos objetos a seu redor. Esses desajustes se devem ao cérebro estar assimilando ações e objetos, e assim as cargas de comando tornam-se instáveis. Para compensação, a criança nesta fase sempre está em atividade, possibilitando desequilíbrios e reequilíbrios a todo momento, e através dessa alternância entre acomodação e assimilação, forma-se a diferenciação, onde há uma construção de esquemas sobre objetos e situações que já são familiares a criança. Assim, são formados os esquemas de ações, parte importante do desenvolvimento na primeira infância e que assim são caracterizados por vir de um processo de construção dentro dos esquemas, necessita de um para gerar o novo, e assim sucessivamente. (PIAGET, 1999).

É neste subestágio também que surgem as reações circulares secundárias, ou seja, a sucção do polegar e protusão da língua, que após descoberto vira um ciclo de repetição por ser uma atividade prazerosa, que faz aferência a reação circular primária, sendo essa caracterizada pelos processos ligados ao próprio corpo da criança, fazendo assim o início da integração entre ambiente e ele mesmo, mas ainda sem a ligação de pertencimento ao ambiente, formando uma relação heterogênea, onde são considerados distintos os pertencimentos do espaço. Na visão dela, tudo que evade desse campo deixa de existir, pois ainda não há uma consciência espacial. (PIAGET, 1999).

O III subestágio abrange desde os 4 meses e meio até 9 meses de vida. Aqui inicia-se o processo de reações circulares secundárias, onde a criança sai do seu aspecto corporal para objetos exteriores, ou seja, deixa a fase oral e tátil que até então era o centro da sua atenção e passa a descobrir mais formas de diferenciação ao redor como sacudir, esfregar, balançar. Essa é a primeira ação conivente com a inteligência, onde a criança vai diretamente usar a mente em prol de um resultado esperado. São iniciadas as primeiras noções de permanência de um objeto, cuja

duração é vista um pouco mais longa, desvanecendo assim um tempo após captado. A existência do objeto é ligada a ação própria (PIAGET, 1999).

O IV subestágio que vai dos 9 aos 12 meses, onde sua principal característica agora é buscar através destes esquemas secundários já citados acima, o alcance de um objetivo não sendo diretamente acessível, mas que usando esquemas já pressupostos poderá alcançá-lo. Há o início da procura da criança por objetos ocultos, por exemplo algo que ela mesma perde ao campo de visão e procura encontra-lo diretamente onde o sentiu pela última vez, caso ele seja deslocado mesmo assim ela procurará na primeira posição deixada. Neste período ainda há uma permanência subjetiva em assimilar suas próprias ações, mas começa também a esquematizar que não somente seu corpo produz atividades, mas outros corpos e objetos. Isso torna este subestágio uma transição entre as noções da criança (PIAGET, 1999).

O V subestágio correspondente dos 12 aos 18 meses. Aqui já é avaliado que a criança produza atividade imitativa, repetindo os comandos vivenciados, deixando claro assim a importância da convivência familiar e estimulação para o desenvolvimento infantil, pois a busca por novidades é constante. A atividade repetitiva leva a consistência da execução. A experiência circular neste estágio tem a finalidade de captar as novas percepções para integrar ao processo de execução posteriormente, assim ampliando os aprendizados assimilados, sendo esta idade o subestágio de mais atividade assimilativa e de maiores aprendizados acerca de suas vivências, um exemplo básico disso é pegar objetos em distância e puxá-los para si. A noção espacial ainda está ligada ao que é palpável, pois adquire noções de presença e deslocamento por contato direto aos objetos, e não processa mudanças no campo perceptivo sem o toque. Por outro lado, em vantagem a memória começa a ter funcionamento mais duradouro, onde consegue elaborar memórias por um período maior (PIAGET, 1999).

O VI subestágio abrange dos 18 aos 24 meses, e nele ocorre a passagem transitiva entre as fases da inteligência de sensório-motora para a representativa, onde a simbólica começa a se tornar função, passa-se a uma noção mental do mundo, onde símbolos e imagens são gravadas a partir daqui, gerando assim memórias sem funções auxiliares. Já é iniciada a função do lúdico de fantasiar, inventar, imitar integralmente ações observáveis, e também ter a capacidade de fingir em determinados momentos (PIAGET, 1999).

O objeto aqui já está estabelecido, já consegue assimilar que o desaparecimento de um objeto não significa inexistência, e assim usar de seus atributos para reivindicá-lo, por exemplo, por meio de birra que é extremamente comum nesta fase. Tem a capacidade de lembrança estendida a partir do quanto foi marcante um determinado evento a si próprio (PIAGET, 1999).

O desenvolvimento infantil até os 2 anos é a fase que, forma os sentidos a sua descentralização de uma forma progressiva, o corpo sai de único gerador de causalidade, dando espaço aos objetos para tornarem-se produtores também destas ações. Este processo é determinado por fases como citadas acima e, a partir delas chega a uma adaptação ao mundo exterior, lidando com objetividade ao externo, e formando internamente sua subjetividade. Também é relevante neste processo a formação das estruturas intelectuais, que é a coordenação mental da criança entre o espaço, tempo e causalidade já citados acima, assim como noção anatômica do próprio corpo e a motricidade a partir desta noção espacial corporal. Então assim é formada a noção da realidade (PIAGET, 1999).

2.2 O desenvolvimento na segunda infância

Segundo Lília Maria (2011) a segunda infância é a fase intermediária que media o desenvolvimento básico e os primeiros passos para formação identitária. É o período de formação da motricidade, coordenação motora fina e crescimento uniforme, onde a criança consegue se situar no seu processo de expansão do corpo por manter um ritmo habitual, que logo à frente no desenvolver da puberdade (adolescência) se tornará mais complexo, pois a formação do corpo acontece de forma rápida. A segunda infância tem duração dos 3 aos 6 anos de idade, que é hoje esperado como período de pré-alfabetização.

Vygotsky (1991), caracteriza como atividade principal na fase infantil o brincar, que tem suas características bem estabelecidas, como gerar simbolismos, favorecer a representação mental e com isso gerar a abstração. O psicológico é desenvolvido a partir de experiências culturais e naturais, pois em cada localização e cultura, a criança desenvolverá de maneiras diferentes, a partir do meio em que está inserida. Nesta visão a cultura representa parte da maturação, que é o fator principal dentro do avanço biológico do ser humano (MARTINS, 2017).

Em consolidação a desenvoltura biológica, Fátima Alves (2012) esboça que as crianças nesta faixa etária enquanto avaliadas em margem psicomotora, precisam corresponder a 6 habilidades norteadoras que são esperadas para esta idade. Sendo elas, coordenação óculo-manual, coordenação motora geral, equilíbrio, controle do próprio corpo, organização perspectiva e linguagem.

Coordenação óculo-manual que é o uso de mão e olho na mesma atividade, desempenhá-la usando dois modos corporais em concordância é um fator complexo e que representa boa adaptação as novas experiências (ALVES, 2012).

A coordenação motora geral é o exercício das faculdades corporais específicas. Nesta fase (2 a 6 anos) trabalhando exercícios mais complexos, como marcha ao caminhar, cada uma das mãos segurando e fazendo movimentos com um objeto de formato diferente, e sustentação ao fazer movimentos bruscos e ao saltar (ALVES, 2012).

Equilíbrio segundo Fátima Alves (2012), é a capacidade que o ser humano cria no decorrer do seu processo de desenvolvimento a partir da gravidade, é o domínio corporal a partir da pressão atmosférica.

A organização perspectiva dentre os termos é a mais rebuscada, pois demanda uma combinação de vários aspectos que estão interiorizados, são conceitos não verbais relativos a afetividade e sentimentos que precisam ser caracterizados e trabalhados para formação de consciência, assim após este processo começam a ser exteriorizados a partir da realidade vivida (ALVES, 2012).

A linguagem cuja avaliação será da forma que a fala é articulada, a coordenação facial enquanto processo de exteriorização, mímicas e gesticulações, assim como a abstração de significados das palavras, já que nesta idade é normatizado um vocabulário extenso (ALVES, 2012).

3 DIFICULDADE DAS FAMÍLIAS FRENTE AO BRINCAR COM OS FILHOS

A formação do imaginário se deve a partir das trocas entre a criança e o mundo, assim ressaltado por Sarmiento (2002), mais especificadamente com a família que é seu primeiro contato social direto. De acordo com Isaura Beltrame (2015), que caracteriza o imaginário como ponto de partida a toda atividade exercida por humanos, antes de ser algo manifesto e executado necessita de passar por um processo de criação que é a função do mesmo.

De acordo com Beltrame (2015) isso se pauta na relação do indivíduo com sua autonomia, que desde os primórdios, para sua subsistência necessita de uma atividade mental criadora para conseguir suprir necessidades básicas como alimento e manutenção de sua segurança. A partir disso o desenvolvimento da inteligência para a vida é formado, e desempenha-se outras funções. A comunicação e integração entre sujeitos faz parte deste processo facilitando por meio da observação e imitação o desenvolvimento de novas criações (BELTRAME, 2015).

Antes das telas móveis (celulares, tablets e notebooks) já havia a primeira tela que gerava preocupação entre os pais, a televisão. Por mais que o acesso familiar fosse mais facilitado e o uso de prático controle, mas a troca com os filhos já era algo preocupante, o que seria desencadeado nas crianças tendo sua atenção voltada a isso? E assim vindo as primeiras respostas científicas associando o uso ao vício e atrasos no desenvolvimento decorrentes ao tempo de passividade frente ao assistir. E daí surgiram tantas formas disponíveis, em diferentes formatos, propostas por profissionais de áreas da saúde e educação para tentar minimizar os danos e nortear famílias quanto a regulação do tempo e contato, assim como o preenchimento do tempo infantil. (MOGUILLANSKY & DUEK, 2020, p. 10).

Um termo muito utilizado atualmente é a mediação parental, que segundo Moguillansky & Duek (2020), garante aos pais uma certa intervenção no que diz respeito ao uso de rede dos filhos, porém os avanços tecnológicos têm deixado lacunas, pois eles não conseguem acompanhar tantos avanços e mudanças propiciados por determinados dispositivos.

Essa dificuldade vem da complexidade dos aparelhos, que até para verificação e possíveis intervenções é complexo. Por não conseguirem dominar determinados aplicativos, e por serem também dispositivos móveis que vão a qualquer lugar e não há como supervisionar a todo tempo (MOGUILLANSKY & DUEK, 2020).

A rede europeia “Eu Kids Online” classificou a mediação parental que seria essa regulação consciente do uso de mídias pelos pais, em 5 subdivisões para facilitar

o entendimento das práticas a serem executadas por todos, salientando que há várias formas de serem engajadas nas famílias de acordo com o perfil sociodemográfico, e conhecimento das ferramentas virtuais das famílias (MOGUILLANSKY & DUEK, 2020).

A primeira subclassificação diz respeito a mediação ativa do uso da internet, que seria conversas entre pais e filhos sobre o uso e conteúdo visualizado virtualmente. A segunda, sendo ela mediação ativa sobre segurança na internet, que serão diálogos familiares sobre uso responsável e segurança, que são assuntos de extrema importância quando se fala de redes, pois ela é um campo vasto e aberto a qualquer indivíduo com o mínimo de instrução e acesso (MOGUILLANSKY & DUEK, 2020).

A terceira subclassificação recomenda uma mediação restritiva onde será limitado tempo, tipo de conteúdo e atividades. Na quarta opção a mediação técnica fala para um público com conhecimentos cibernéticos maior, onde serão instalados softwares de filtro e restrição de conteúdo ajudando a manter determinados temas longe dos filhos (MOGUILLANSKY & DUEK, 2020).

E por último a supervisão e monitoramento, que é um trabalho mais cauteloso e demanda esforço dos pais frente ao exercer, pois consiste em verificar diretamente durante e após o uso as atividades assistidas. Essas estratégias de mediação foram desenvolvidas pela instituição com o intuito de demonstrar a universalidade do termo e as diversas formas de exercer esse papel fundamental pelos pais na vida dos filhos, que é prevenir danos. (MOGUILLANSKY & DUEK, 2020).

Costa e Almeida (2021), salienta também a influência contemporânea da pandemia do COVID-19 no formato de adaptação social a nova realidade das famílias, o esforço para cumprir o home office estando dentro de casa com os demais membros e sem apoios externos como as escolinhas e creches. Assim dando espaço a queixa que na maioria das vezes a única saída é a tela para manter a estagnação da criança diante da necessidade de cumprir tarefas que não podem ser adiadas. Em suas falas, isso se tornou um aliado dos pais em momentos de novas adaptações (COSTA E ALMEIDA, 2021).

Petri e Rodrigues (2020), caracterizam as atividades lúdicas como principal fonte de imitação, que é a reprodução da criança a partir da observação de terceiros; E a imaginação que parte da capacidade da criança em criar mentalmente novas representações.

Esses dois processos precisam diretamente da mediação dos pais, e se tornam a principal forma de expressão infantil, contribuindo para a linguagem na interação com outras crianças ou mesmo com os brinquedos, para a afetividade com a exteriorização de sentimentos e vontades, e, portanto, no processo global de socialização que recebe contribuição de todos esses aspectos somados a contatos sociais, com família, amigos, creches e escolas (PETRI E RODRIGUES, 2020).

A SBP (2016) juntamente a OMS (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE), publicaram suas recomendações sobre uso e tempo de telas, orientando assim aos pais aspectos básicos como: proibir o uso próximo ao horário de dormir onde pode ser prejudicado o sono; A escolha do que irá ser assistido priorizando sempre conteúdos educativos; A educação sob modelo onde é cobrado da criança mas também é seguido; A importância da estimulação física e motora em atividades físicas; E as inovações que podem ser usadas a favor do monitoramento, como os aplicativos criados para se conseguir acesso ao que é acessado em outro dispositivo, facilitando assim a vigilância dos pais que podem olhar o que o filho assiste do seu próprio trabalho, ou mesmo qualquer outro lugar que estiver, não precisando estar necessariamente perto do filho (SBP, 2016).

4 IMPACTOS DO TEMPO DAS TELAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Quando se procura pontuar aspectos determinantes no tema mídias, logo é associado alguns fatores muito importantes que são considerados não só para a psicologia, mas em áreas relacionadas a saúde como um todo. Sono, desenvolvimento físico e mental, podem ser diretamente afetados e modificados pelo processo de vício e suas implicações circunstanciais (QUEIROZ, 2020).

Nobre (2021), enfatiza em seus escritos que, é preciso os cuidadores avaliarem o tempo de tela total observando as mudanças que essas mídias interativas estão proporcionando na personalidade e comportamento da criança. Assistir conteúdos inapropriados a faixa etária é um aspecto muito preocupante e que deve ser discutido, na maioria das vezes é o ponto que chama a atenção das pessoas para uma maior cautela ao uso consciente de mídias. Mas a literatura tem apresentado outros aspectos muito relevantes frente a esses danos do contato em excesso, como associação do TT (tempo de tela) a obesidade devido a passividade e estagnação nos momentos de uso, a redução do tempo de interação social e familiar que desencadeia problemas psicológicos como TAG (Transtorno de Ansiedade Generalizado) e depressão, além de ser um comportamento sedentário que é um fator negativo ao desenvolvimento (NOBRE, 2021).

Ramos (2021), abre um novo caminho muito importante, a escuta da criança. A formação da fala crítica, a capacidade de resolução de problemas, o entendimento e cumprimento de regras são limites impostos pela conversa rotineira, pelo tempo e proximidade dedicados a criança. Para isso acontecer é necessário tempo de qualidade junto a ela, isto é, exercer atividades sem estímulos externos, proporcionando a aproximação e confiança. É de suma necessidade ouvir e falar com os filhos, dar abertura a perguntas, e modular suas indagações para abrir espaços de clareza em sua mente. Importante lembrar que nesta fase tudo ainda é novidade (RAMOS, 2021).

A partir do uso inconsequente dos eletrônicos, as alterações no contexto familiar começam a se concretizar, e se tornar eventos normativos, ou seja, rotineiros. O significado e valores familiares vão sendo dissipados, e dando espaço as padronizações das mídias, com valores que muitas vezes não são considerados no ambiente familiar. Além disso, podem haver influências por conteúdos ilícitos, de cunho sexual, etilista e até sobre uso de psicoativos (RODRIGUES, 2020).

No cenário de pandemia que foi vivido em 2020/2021, muitas dúvidas começaram a aparecer referentes a forma em que será tratado a realidade familiar a partir do isolamento. Se tornou costume permanecer em casa, individualizar relações e vivenciar um cotidiano reduzido de presenças, até mesmo familiares secundários que costumavam frequentar as casas, perdeu-se a prática da visita devido a desvinculação nesse período de distanciamento (SANTOS, 2020).

Da Mata (2020) aponta para a implicação do isolamento social como uma mudança abrupta e inesperada à realidade das famílias, uma vez que apresenta repercussões abrangentes como suspensão das atividades básicas que era comum exercer, por exemplo a frequência escolar que demandava convivência e as relações de amizade formadas a partir dela, com isso, a própria relação de brincadeira entre crianças foi afetada por esse isolamento dentro de casa.

No que tange ao desenvolvimento humano, é suma relevância destacar que o desenvolvimento infantil depende de vários fatores, como o meio ambiente, a natureza psicossocial e emocional da ambiência da criança agregado a uma maturação do sistema nervoso central rígido. Nesse viés, o desenvolvimento infantil é a dinâmica que vai da concepção que cinge inúmeros aspectos, desde o crescimento físico, maturação neural, comportamental, cognitivo, social e afetivo da criança. (DA MATA, 2020, p. 04).

Para a psicanalista Melanie Klein (1985) atribuiu grande importância a brincadeiras infantis, sendo pioneira em sua utilização como técnica psicanalítica, ela defendia que a criança expressa suas fantasias e ansiedades principalmente através do brincar. E também utilizando a técnica de brincar para análise em crianças, Aberastury (1972) relaciona as brincadeiras com os processos de maturação e crescimento, sendo que brincadeiras consideradas “normais”, como um jogo de pique-esconde, por exemplo, podem se associar com identificações da criança e evoluir para elaborações cada vez mais saudáveis.

Na visão de Colhante (2005), a tecnologia moderna tem feito com que muitos aspectos importantes para o desenvolvimento global da criança se percam, processos de industrialização e urbanização promovem uma diminuição de espaços apropriados para o brincar e vem desencadeando o esquecimento de brincadeiras tradicionais e a perda também do acervo cultural da infância.

Resgatar a história de jogos tradicionais infantis, como a expressão da história e da cultura, pode nos mostrar estilos de vida, maneiras de pensar, sentir e falar, e sobretudo, maneiras de brincar e interagir. Configurando-se em presença viva de um passado no presente (FANTIN, 2000, p. 15).

Faria, Costa e Neto (2018), apresentam a ideia de que para haver um desenvolvimento integralmente saudável é preciso privilegiar as trocas sócias (vivências com o outro), e a prática de jogos e brincadeiras que ativem a parte sensorial e motora do corpo, para assim estimular e desenvolver o máximo. Sendo assim, nenhuma destas vias contempladas podem ser exercidas por meio do contato virtual, todas essas práticas são diretas e demandam ser vividas.

4.1 Possibilidades de intervenção e redução de tempo de tela

A SBP lançou em dezembro de 2019 suas novas orientações sobre o uso de telas, visto que com a realidade atual tem gerado um impacto muito negativo não só na aprendizagem, a partir da passividade do assistir, mas também os agravantes em todas as áreas da formação infantil. Sendo assim, enfatiza a não exposição de crianças até 02 anos de idade, e para crianças de 3 a 5 anos o uso por até 1 hora/dia, ressaltando sempre a nocividade do uso inadequado (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2018).

A Associação Brasileira para o estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica (ABESO) (2019) ressalta que necessita ser exposto e ofertado a crianças e adolescentes opções de lazer que os distanciem das telas, de acordo com o autor, intervenções isoladas não são suficientes para uma redução significativa do TT, para isso, é necessário esse conjunto de medidas levando em consideração serviços que podem ser ofertados para esse propósito.

Intervir e reduzir períodos de uso é suficientemente necessário como procurar atividades que validem o tempo que anteriormente era utilizado em telas. Assim são buscadas atividades que não só ocupem, mas que neste momento medeiem o desenvolver de forma positiva (MENDONÇA, 2021).

Para Da Mata (2020) o contexto familiar tem extrema importância na redução de TT, uma vez que as crianças são observadoras ao contexto de vivências sensíveis ao comportamento dos pais, assim, uma intervenção partindo também da redução de TT dos pais pode afetar a criança nesse sentido.

De acordo com Mendonça (2021), o estímulo à prática de atividade física é outra possível intervenção para redução do tempo de tela. Jéssica Machado (2017) mostra em seus escritos que a atividade física é a mais necessária neste processo de desenvolvimento, pois valida diretamente o processo de aprendizagem, formação da cognição e equilíbrio, lateralidade, controle de peso e pressão, função respiratória e cardíaca, força e tônus muscular. Diretamente ligado a área psicomotora remete-se ao controle de ansiedade; Ativação do processo de aprendizagem e atenção; E a autoestima do indivíduo, com favorecimento voltado a sua confiança e potencial trabalhados no esporte (MACHADO, 2017).

Destacando-se também a ótica do longo prazo, a criança que pratica atividade física tem mais probabilidade de ser ativa quando adulta, fazendo um percurso a longo prazo de promoção e manutenção da saúde física e mental, da mesma forma em que recebe benefícios no decorrer deste processo (MACHADO, 2017).

Já Cássia Lina Roque (2015) afirma que o processo de leitura para criança é fundamental e deve começar antes mesmo da alfabetização, elencando mais um papel a ser desempenhado pela família de ler e mostrar livros para a criança antes mesmo dela conseguir exercer a leitura. A família representa um papel crucial neste âmbito, pois a leitura é um hábito e deve ser aplicado cotidianamente além da sala de aula.

A leitura é um dos caminhos mais contemplativos dentre as formações infantis, desenvolve o imaginário, cria vocabulários, facilita a compreensão de contexto, orienta a visão do mundo e das pessoas, a partir dela forma-se conceitos sobre muitos aspectos que não são vividos. Esse hábito é adquirido, então parte da voluntariedade em ensinar e trabalhar junto a formação desta ocupação (ROQUE, 2015).

Alves (2019) mostra também a necessidade de um tempo de qualidade voltado a natureza, contemplar o ambiente, explorar plantas e conhecer animais. São momentos de adquirir conhecimentos sobre o nosso ambiente de vida, e gerar vinculação com nosso espaço comum. É imprescindível saber das formações e transformações do espaço, cultura, cuidado, mas também que essas vivências geram memórias afetivas. Biologicamente, funciona sendo dissipador de estresse no nosso organismo auxiliando aspectos psicológicos já abordados anteriormente (ALVES, 2019).

Colhante (2005), esboça que as brincadeiras tradicionais e sua ludicidade, pela presença ativa e reações a partir das situações vividas, são caminhos da acomodação e assimilação da atitude infantil, que é um aspecto formador dentro da norma abrangente da faixa etária. As brincadeiras tradicionais favorecem noções básicas de regras, deveres e direitos, então o brincar é um processo educativo (COLHANTE, 2005).

No trabalho realizado por Colhante (2005) temos não só a visão das brincadeiras em contexto educacional, mas também de brincadeiras com o real propósito de ser um momento de lazer para os envolvidos, com essa visão, cabe dentro das intervenções, resgatar o propósito não apenas educativo das brincadeiras, mas também seu sentido de descontração e diversão, demonstrando que aquele é um momento no qual eles podem não se preocupar em ensinar ou aprender algo, mas sim ter outra ferramenta além das telas para descontrair (COLHANTE, 2005).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos revisados neste trabalho trazem informações sobre impactos de telas na realidade das crianças inseridas no contexto de vivências virtuais, tomando assim um tempo que antes era dedicado a variadas formas de criatividade, e trocas de experiências sociais e culturais, gerando aspectos formadores do imaginário da criança enquanto descobre o mundo por meio da exploração da infância.

O tema abordado requer um imenso esforço psicológico para sua explicação já que envolve diretamente fatores sociais e comportamentais, área principal de abrangência psicológica. Atualmente é difícil discutir tais fatores, já que a rotina social como um todo tem sido acelerada dia após dia, e com isso causado reflexos diretos nas relações familiares, principalmente no tempo de qualidade entre membros.

A tela tem se tornado um aliado dos pais, que sem perceber delega a terceiros o papel de ocupar e desenvolver o tempo dos filhos. Com isso perde-se um papel muito importante frente a educação, criação de vínculo e principalmente na estimulação de sentidos para favorecer um desenvolvimento saudável. Esse tempo de qualidade é substituído por telas, jogos e desenhos transformados em um lazer vazio já que o virtual tira a criança da realidade e embarca em passividade, tirando toda a ludicidade e criatividade em desempenhar uma brincadeira ativa.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. A criança e seus jogos. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

ALVES, FÁTIMA. Psicomotricidade: corpo, ação e emoção. 5ª edição. Rio de Janeiro: WAK editora, 2012.

ALVES, Francisco. A importância do contato com a natureza para a criança. VI CONEDU, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em:<https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD4_SA16_ID7065_15082019093049.pdf>. Acesso em: 03 de maio de 2022.

Associação Brasileira para o estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica, ABESO 2019. Disponível em:<abeso.org/telas-no-escuro-antes-de-dormir-prejudicam-o-tempo-e-qualidade-do-sono>. Acesso em: 01 de maio de 2022.

BENETTI, Roberta. A influência de jogos eletrônicos em crianças na segunda infância (3 a 6 anos). Cadernos de Psicologia – CESJF, junho de 2019, vol.:1 número 1, pág. 573-588.

CAMPOS, Rafaely. A concepção de infância de Rousseau. Tempos e espaços em educação, Sergipe, v 11, n 1, pág.238 a 250, dezembro de 2018. Disponível em:<<https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/9654/pdf>>. Acesso em: 26 de abril de 2022.

CASAGRANDE, Ieda. As fases do desenvolvimento: primeira e segunda infância. In.: II Seminário Interinstitucional de Pesquisa em Educação da Região Sul. 2017, Cascavel, Paraná. Anais[...]. Cascavel, SENDAS, pág. 99-107.

COLHANTE, Carolina. Resgatar o brincar tradicional: uma contribuição a formação de professores. UNESP, 2005.

COUTO, Edvaldo Souza. A infância e o brincar na cultura digital. **Perspectiva**, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2013v31n3p897/27731>. Acesso em: 22 de novembro de 2021.

RAMOS, Tuany. O cotidiano das crianças em tempos de pandemia: (Des)construções. Campo Grande, 2021. 125p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco/UCDB. Disponível em:< <https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/1036178-tuany-inoue.pdf>>. Acesso em: 30 de abril de 2022.

DA MATA, Ingrid Ribeiro Soares et al. As implicações da pandemia da COVID-19 na saúde mental e no comportamento das crianças. Residência Pediátrica, Brasília, v.10, n.3. Jul. 2020. Disponível em:<<https://residenciapediatria.com.br/detalhes/643/as%20implicacoes%20da%20pandemia%20da%20covid->

[19%20na%20saude%20mental%20e%20no%20comportamento%20das%20crianças](#)>. Acesso em: 01 de maio de 2022.

DOS SANTOS, Caroline Cezimbra. Efeitos do uso das novas tecnologias da informação e comunicação para o desenvolvimento emocional infantil: uma compreensão psicanalítica. **Psicologia.PT**, 11 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0435.pdf>>. Acesso em: 28 de setembro de 2021.

DUEK, Carolina. MOGLILLANSKY, Marina. Crianças, telas digitais e família, práticas de mediação dos pais e gêneros. OpenEdition Journals [online], Ed.37/2020, 29 de junho de 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cs/2301#tocto1n2>. Acesso em: 22 de novembro de 2021.

FANTIN, Mônica. No mundo da brincadeira: jogo, brincadeira e cultura na Educação Infantil. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

JERUSALINSKY. J. ATENÇÃO: nem todo sofrimento na primeira infância é autismo, mas precisa ser tratado a constituição. 266. Ed. Correio da APPOA. Porto Alegre, 2017.

KLEIN, M. Inveja e gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

MACHADO, Jéssica. Os efeitos da atividade física na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. IBMR, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em:<<https://www.ibmr.br/files/tcc/os-efeitos-da-atividade-fisica-na-aprendizagem-e-no-desenvolvimento-motor-infantil-jessica-madeira-machado.pdf>>. Acesso em: 03 de maio de 2022.

MAIA, Valdecir José. As fases do desenvolvimento infantil. IAPSI, Joinville, 30 de junho de 2020. Disponível em: <http://www.iapsi.com.br/blog/35/as-fases-do-desenvolvimento-infantil>. Acesso em: 31 de outubro de 2021.

MARSILI, Sâmia. Consequência das telas. Youtube, 23 de março de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bXzJpySsSpl>>. Acesso em: 30 de outubro de 2021.

MENDONÇA, Rafaela. Efetividade de intervenção e redução do tempo de tela: revisão sistêmica. UFS, 2021. Vol. 10, nº 09. 01-12. 2021.

Mettzer. COELHO, Beatriz. Revisão bibliográfica. Blog da Mettzer, Florianópolis, 08 de março de 2021. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/revisao-bibliografica/>. Acesso em: 19 de novembro de 2021.

MONTOITO, Rafael. As representações do espaço da criança, segundo Piaget: os processos mentais que a conduzem à formação da noção do espaço euclidiano. VYDIA, 2012. Página 21-35. Disponível

em:<<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/viewFile/271/247>>. Acesso em: 16 de abril de 2022.

MOREIRA, LMA. Desenvolvimento e crescimento humano: da concepção à puberdade. In: Algumas abordagens da educação sexual na deficiência intelectual [online]. 3rd ed. Salvador: EDUFBA, 2011, pág.113-123. Bahia de todos collection. ISBN 978-85-232-1157-8. SciELO Books. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/7z56d/pdf/moreira-9788523211578-11.pdf>. Acesso em: 28 de abril de 2022.

NOGUEIRA PONTES NOBRE, Juliana. Fatores determinantes no tempo de tela das crianças na primeira infância. **SCIELO**. Rio De Janeiro, 15 de março de 2021. Disponível <https://www.scielo.br/j/csc/a/GmStpKgyqGTtLwgCdQx8NMR/?lang=pt>. Acesso em: 19 de agosto de 2021 e 27 de abril de 2022.

PIAGET, Jean. **As formas elementares da dialética**. 1ºed, Psicologia e Educação, 1996.

PIAGET, I, INHELDER, B. Da conservação ao atomismo. In: O desenvolvimento das quantidades físicas na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.p. 109-166.

PIAGET. J. A Vida e o Pensamento do Ponto de Vista da Psicologia Experimental e da Epistemologia Genética. In.: Piaget. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

QUEIROZ, Virgínia. A experiência da aprendizagem remota: quanto tempo demais na tela?. Colégio Loyola, Fortaleza, junho de 2020. Disponível em:<<https://www.loyola.g12.br/wp-content/uploads/2020/06/Artigo-tempo-de-telavers%C3%A3o-final-convertido.pdf>>. Acesso em: 27 de abril de 2022.

RAMOS, Tuany Inoue Pontalti. O cotidiano das crianças em tempos de pandemia: SAÚDE de crianças e adolescentes na era digital. Sociedade Brasileira de Pediatria, 2016. Disponível em:https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/publicacoes/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf. Acesso em: 14 de abril de 2022.

ROQUE, Cássia Lina. A importância do incentivo a leitura nos primeiros anos da infância. Seminário PIBID Sudeste, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em:<https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccq/licenciaturas/pibid/download/seminario_pibid_sudeste_201510_cassia_roque.pdf>. Acesso em: 03 de maio de 2022.

TIC Kids online Brasil. CETIC.BR, 2019. Disponível em:<<https://cetic.br/pt/pesquisa/kids-online/analises/>>. Acesso em: 15 de abril de 2022.

WILLIAMS, Wendol. Neurobiologia dos transtornos do controle dos impulsos. **SCIELO**. Braz. J. Psychiatry 30 (suppl 1). Maio 2008. Disponível em:<

<https://www.scielo.br/j/rbp/a/tcnP4wwbLFqGRY3P3hjnkn/?lang=pt>>. Acesso em: 10 de abril de 2022.

